

Meister Eckhart e a gnose mística¹

Meister Eckhart and the mystic gnosis

Fernando José da Silva Monteiro *

Recebido em: 06/2015

Aprovado em: 06/2015

Resumo: *O presente artigo aborda, a partir do sermão n.º 51 de Meister Eckhart – O Silêncio da Criação – o esboço de uma gnose que deve conduzir à experiência mística. O texto evidencia a dificuldade da linguagem para expressar tal experiência, haja vista o olhar de relance aos pensamentos de Plotino e de Wittgenstein, mas não tem como objetivo descrever a experiência mesma. O trabalho busca somente discorrer acerca dos “meios” tratados por Eckhart para atingir-se o estado contemplativo.*

Palavras-chave: *Eckhart, mística, silêncio, Uno, desprendimento.*

Abstract: *The present article approaches, from Meister Eckhart’s sermon n.º 51 – The silence of Creation – the outline of a knowledge which must guide towards mystic experience. The text shows the difficulty of language to express such experience, considering the glance to the thoughts of Plotino and Wittgenstein, but has no objective to describe the experience itself. The article seeks only to talk about the “means” treated for Eckhart to reach the contemplative state.*

Keywords: *Eckhart, mystic, silence, Uno, detachment.*

Introdução

Discorrer acerca da mística nos dias atuais é um grande desafio. Para nós que estamos desabituaados da experiência e do espaço do pensamento religioso, persistem dificuldades consideráveis para abordar este “mundo”. É deveras problemático compreender a mística como uma forma de conhecimento, pois associamos imediatamente o conhecimento

* Mestre em Filosofia pela UFPB – Professor da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: fjsmonte@gmail.com

à ciência. O embaraço que tal tema possa causar hodiernamente é compreensível, isso em face não só do imenso progresso científico-tecnológico, mas também em presença do desenvolvimento das ciências humanas. Se bem que, vale ressaltar, as ciências humanas, com suas características reducionistas, mostram-se incapazes de explicar determinados fenômenos.

Entretanto, não há como negar a originalidade da experiência mística que transborda dos irrecusáveis e autênticos testemunhos dos grandes místicos.

H. Bérqson nos enseñó a ver en los místicos ejemplares eminentes da “salud intelectual sólidamente asentada”, de “firmeza unida a la elasticidad”, de “discernimiento profético de lo posible y lo imposible”, de un “espíritu de sencillez que supera las complicaciones”, de un “sentido común superior” (BERGSON *apud* VELASCO, 2004, p 11)^{2 3}.

A experiência mística é antes de tudo um dado antropológico original, e para sua interpretação, faz-se mister, a partir de uma sólida fundamentação, conceber a estrutura do ser humano. “O homem, na sua radicalidade, possui um apelo ao transcendente devido a seu caráter finito e indeterminado, então é na transcendência que busca solução existencial de sua vida humana” (GOTO, 2004, p 60). A própria relação conflitante com o mundo parece conduzir as ações e pensamentos do homem para além do próprio mundo. “Trata-se de fato, de uma atitude pessoal do homem frente ao problema de sua presença em um mundo que integra e, ao mesmo tempo contesta, levando-o a procura de uma solução fora e acima do mundo” (PIAZZA, 1987, p 95).

Embora cientes das dificuldades para expressar a experiência mística, onde o inefável acaba por estabelecer limites à própria linguagem, busquemos um caminho que possa nos conduzir ao encontro deste inefável. Doravante, portanto, e cumpliciados ao pensamento eckhartiano, envidaremos esforços no sentido de compreender o modo pelo qual se atinge a contemplação mística, prescindindo, não obstante, da tentativa de relatá-la. Começemos, contudo, lançando um breve olhar na mística plotiniana.

O silêncio

Em Plotino, o silêncio expressa e torna pública a experiência mística prescindindo da linguagem, pois que a linguagem, enquanto expressão do raciocínio, mostra-se insuficiente. A experiência, isto é, o próprio silêncio é o que conduz à realização do Bem; o discurso não lograria tal êxito. A mística é a experiência do Uno e o Uno não admite esta dualidade entre o discurso e o silêncio. Discurso é multiplicidade, é ciência; o Uno é pura simplicidade. “A linguagem, pois, enquanto representação do pensamento, coloca-se como um limite entre aquilo que eu quero e tenho necessidade de dizer e aquilo que eu não consigo representar através da linguagem falada e escrita” (MARINHO, 2006, p 3). O silêncio em Plotino não é privação de expressão, não é taciturnidade, não é ausência, vazio ou algo que o valha; é linguagem da Alma. O silêncio é a possibilidade da linguagem, é possibilidade de expressar a experiência, pois que a experiência em Plotino está ligada ao silêncio e afastada do discurso. No limite do discurso manifesta-se o silêncio como experiência; há como que uma coincidência entre silêncio e experiência. O silêncio, no pensamento plotiniano, consegue ultrapassar os limites estabelecidos pela linguagem.

Mas não só Plotino reconhece a linguagem como limite. Para Wittgenstein, a tentativa de uso da linguagem para falar da experiência mística ultrapassa os limites das possibilidades lógicas da própria linguagem, inviabilizando-a. O místico, no pensamento wittgensteiniano, é aquilo cuja manifestação carece de sentido, isto é, algo que não pode ser descrito, nem, muito menos, pensado, porque ao se fazer tal coisa usar-se-ia a linguagem como recurso, o que ultrapassaria os limites de suas possibilidades lógicas. “O místico está associado, de qualquer modo, a um determinado sentimento: um sentimento que a linguagem pode ‘mostrar’, contudo não pode ‘dizer’” (AZEVEDO, s.d, p. 2).

Todavia, lembremo-nos da deusa Polímnia, que durante o período helenista, era sempre representada envolta em panos, encoberta, em silêncio. “O inexprimível, o que clama por silêncio, não é, pois, sinal de impotência, de falta, ou seja, de simples mudez. É o silêncio do que abriga em si muito a dizer”

(SCHUBACK, 1998, p 226). E é nesse muito a dizer do silêncio que nos deparamos com o pensamento místico eckhartiano.

Eckhart, em seu sermão 57, cujo título é “O Silêncio da Criação”, discorre com propriedade sobre o que podemos entender como uma gnose mística. Cientes dos percalços a que ficamos expostos far-nos-emos acordes com Raymond Abellio: “*Voie virile et solaire en face de la voie ombreuse de la mystique, la gnose n'est pas outre chose que la tension toujours en oeuvre vers la connaissance*” (ABELLIO *apud* LOMBARD *In* ECKHART, 1987, p VII)⁴.

Diz-nos Eckhart, citando as palavras do livro da Sabedoria: “*Dum médium silentium tenerent omnia et nox in suo cursu medium iter haberet [...]*”⁵ (Sb 18, 14). A palavra de Deus só é pronunciada no silêncio, e este total silêncio encontra-se no mais profundo recôndito da alma⁶. O lugar do silêncio é o que a alma tem de mais puro, de mais nobre. Neste silêncio a “mediação” silencia, ou seja, não há intermediários; não há criatura ou imagem presente. As ações exteriorizadas pela alma dependem da intermediação. O mesmo acontece com os sentidos, isto é, o exercício que se exterioriza vem acompanhado de alguma mediação, pois que a alma opera por faculdades, conhece pela razão, pela memória consegue recordar-se, ama pela vontade. Todas essas forças e faculdades se originam, não na alma, mas no fundo do ser⁷. Neste fundo os meios silenciam. O silêncio, portanto, mostra-se como fator primordial na receptividade de Deus, pois que Deus e o seu ser entram no fundo da alma. O fundo da alma só é tangida por Deus; só Ele pode fazê-lo, pois a criatura esbarra nas faculdades. O fundo da alma, o íntimo, não integra localidade, está fora de qualquer determinação, fora de todas as coisas distintas; o fundo da alma é espaço puro.

A alma vê e contempla a imagem das criaturas, – as imagens sempre veem pelos sentidos – pois que é pelas imagens que as criaturas são admitidas e recepcionadas pela alma. As faculdades que operam na alma, no instante em que entram em contato com as criaturas, extraem-lhes a imagem, lançando-as ao interior da alma. Desse modo a alma toma conhecimento da criatura. Daí, podemos inferir que a alma desconhece a si mesma; ela não consegue ter de si mesma qualquer imagem. Que faculdade poderia haurir uma imagem da alma e enviá-la de volta a origem? É justamente essa condição de ser livre, esse

estar vazia de si, de toda intermediação e imagem, que possibilita a alma estar receptiva a Deus. “É este também o motivo por que Deus se pode unir à alma livremente sem nenhuma imagem ou semelhança” (ECKHART, 1999, p 183). Se houvesse alguma imagem da alma em si mesma, não poderia haver uma perfeita – verdadeira – união de Deus à alma. Ora, a alma é repleta de imagens de criaturas, com exceção da imagem de Deus. Justamente por não ter imagem alguma de Deus, Deus se torna a ventura suprema da alma e o fim último, pelo qual a alma aspira conhecer. As imagens das criaturas que chegam à alma lhes chegam através dos sentidos, e não só por serem criaturas, mas também por advirem via sentidos, são incapazes de tornar a alma feliz. A felicidade do conhecer, portanto, está em conhecer não a criatura, mas o Criador, afinal o que se sabe de Deus é tão somente um nada saber.

Mas como conquistarmos a condição de silêncio preconizada por Eckhart? Como mantermo-nos em quietude para que Deus aja em nós? Eckhart nos esclarece de que tal condição está reservada para os homens que cultivam o vigor das virtudes, e que por causa destas virtudes cultuadas, há como que um brotar em suas vidas os ensinamentos do Evangelho. No silêncio que lhes caracteriza, Deus por eles age e fala.

Quanto mais conseguires recolher todas as tuas forças à unidade e retirar-te para o esquecimento de todas as coisas e suas imagens, e quanto mais te distanciaras das criaturas e suas imagens, tanto mais próximo estarás e tanto mais receptivo te farás para a Palavra (ECKHART, 1999, p. 184-185).

O mestre nos recomenda tornarmo-nos vazios de todo o saber contingente; que esqueçamos o sabor do próprio corpo; que o espírito assuma total controle; que não opere nem mais memória nem razão nem sentido algum. “[...] o homem deve desaparecer para os sentidos e virar todas as suas forças para o interior e alcançar o esquecimento de todas as coisas e de si mesmo” (ECKHART, 1999, p 185). Aqui se percebe claramente que, para Eckhart, a virtude, a atitude ética, é condição para se atingir a contemplação, a experiência mística. A recíproca, como veremos mais adiante, não seria verdadeira.

Eckhart reclama nossa atenção para o fato de que se nos perguntassem o porquê de Deus operar sempre sem imagem,

não poderíamos e ou saberíamos responder. Nós, enquanto criaturas, estamos afeitos às faculdades e as faculdades só nos possibilitam apreender algo através de imagens. Todas as imagens veem de fora, exceto Deus que, mesmo escondido e velado, opera no fundo de nosso ser. Neste ponto Meister Eckhart nos indica um aspecto de fundamental importância: “Este *não saber* arrasta para algo extraordinário e produz o empenho de sua busca. Sente-se *que é*, mas não *se sabe* nem o *que é* nem *como é*. Quando, porém, o homem sabe a conjuntura das coisas, logo se cansa delas, buscando novas experiências” (1999, p.186). Depreendemos que viver é sempre uma preocupação de conhecer as coisas, mas não estar necessariamente junto delas. Com o não conhecimento de Deus acontece diferente: o saber que desconhece excita na alma a busca do conhecimento de Deus e faz com que ela procure sempre estar junto Dele. O ímpeto, o desejo, a ventura, contudo, leva a criatura a criar uma imagem do Criador. Em Eckhart, a imagem expressa, especialmente, o relacionamento entre o divino e o humano; imagem esta emanada deste relacionar-se. Todavia, essa imagem não pode ser expressa por um pensamento discursivo, mas só através da metáfora, da analogia, do exemplo. Eis o mistério que a palavra procura desvendar.

O Mestre nos fala do silêncio como condição de estar receptivo à Palavra. Mas não está na natureza da palavra revelar o mistério? Como podemos falar em palavra e mistério? Em verdade, a palavra, no que diz respeito ao mistério, é para ser procurada até ser sentida, apreendida, apropriada, assimilada. A palavra que contempla o mistério está num plano tão estranho à razão, ou seja, jaz tão fundo no ser que a razão não consegue alcançá-la. A palavra do mistério é um falar interior; é uma razão interiorizada. “*Les gens frustes doivent croire, les gens éclairés doivent savoir. Dans la voie gnostique pratiquée par Eckhart la connaissance divine résulte d’une opération constituante de conscience et de veille*”⁸ (LOMBARD In ECKHART, 1987, p VII). Ao citar um pagão: “Percebo em mim uma coisa que brilha em minha razão; sinto que é algo, mas não posso compreender o que seja; só me parece que, se conseguisse apreendê-lo, conheceria toda a verdade” (ECKHART, 1999, p 187). Quando tal experiência é levada a efeito, diz Eckhart que houve a geração de Deus na alma – *Gottesgeburt in der Seele*.

Para Eckhart, ao dizer que o homem foi criado a imagem de Deus, ele diz que o “nascimento de Deus” acontece no interior da alma humana e quando esse nascimento chega a acontecer, revela-se no interior dessa alma um caminho que conduz à essência de Deus. Ao aprofundar-se nessa revelação, a alma regressa cada vez mais profundamente a si mesma e chega a ser cada vez de forma mais verdadeira, num abandono absoluto no qual nenhuma coisa permanece, no qual nada se sabe (BEZERRA, 2002, p 125).

Pudemos observar que Meister Eckhart foi capaz de discorrer acerca do modo como se pode experimentar a contemplação mística, mas a experiência mesma tornou-se inenarrável, ou seja, tanto quanto Wittgenstein, usou uma escada para alcançar certo grau de conhecimento, mas como o caminho inverso mostra-se impraticável, só lhe restou lançar fora a escada pela qual subira. Resta ao místico, então, a posse de uma imagem criada a partir de sua relação com Deus. Mas a imagem exige certa correspondência. A alma, por conseguinte, na necessidade de corresponder à imagem, busca aniquilar-se de tudo que lhe é secundário, elementar, adicional. É esta anulação de si que Eckhart elege como condição *sinequa non* para que o homem torne-se pleno no Uno.

Podemos entender, e isso a partir de uma interpretação fenomenológica, que este “esvaziamento”, este se anular proposto por Eckhart, seria algo como uma *epoché* voltada à interioridade do ser humano, ao imo do ser que busca este relacionar-se com o divino. Discorramos, portanto, acerca deste “esvaziamento”, deste “anular-se”.

Von Abgeschiedenheit

Von Abgeschiedenheit: traduzido para o português, o termo cunhado por Meister Eckhart pode ser entendido como “desprendimento”, “completa disponibilidade”, “total liberdade”, “reduzir-se ao mais simples”, “demitir-se de si mesmo”. Em observando os diversos significados empregados para a compreensão do termo alemão, percebe-se que não se trata de uma simples relação de sinonímia; há entre os mesmos um encadeamento gradual, isto é, partindo-se do

desenvolvimento de um dos conceitos, os demais serão concernidos, e, no final do processo, estaremos de “posse” da totalidade do termo. *Von Abgeschiedenheit*, portanto, não é somente mais um vocábulo ou verbete a ser considerado, mas compreende todo um processo; processo este que discorre e explicita a mística eckhartiana em sua totalidade.

Partamos, pois, do termo “desprendimento”: está relacionado ao ato ou efeito de desprender-se, desligar-se, pôr-se independente em relação a algo, de onde se pode pressupor o altruísmo, a abnegação. Mas Eckhart vai mais além; *Abgeschiedenheit* não está vinculado à virtude, pois a virtude está atrelada à criatura. “E sabe que estar vazio de toda criatura é estar cheio de Deus, e estar cheio de toda criatura é estar vazio de Deus” (ECKHART, 1999, p 152). Ainda na idade média outro religioso nos dá conselho similar: “Sê puro e livre interiormente, sem apego a nenhuma criatura” (KEMPIS, 1931, p 63). Nos tratados de Eckhart, o mestre nos fala que um dos sinais do fundamento verdadeiro é: “they empty themselves out of themselves giving free furlough to things”⁹ (SHANKS, 2006, p 1). Ao falar em criatura, Meister Eckhart está se referindo ao que foi criado, ou seja, refere-se a entes, objetos, valores, leis positivas, etc. De certo modo podemos dizer que a mística eckhartiana está para além do bem e do mal, pois não há a menor preocupação com valores éticos e/ou morais. Em verdade, a proposta é o desprender-se de qualquer valor. Ora, se há uma solicitação neste sentido, podemos inferir que o desprendimento diria respeito também à apartação dos valores utilitaristas que nos constroem cotidianamente, isto é, onde se criam ilusões de carências e alimentam-se expectativas em supri-las.

Entendemos que, com o exercício do desprendimento levado a efeito, estaremos adentrando a esfera da disponibilidade. Ficamos disponíveis sim, quando não mais nos ocupamos com o banal, com particularidades, interesses, mesquinhas. Já que isentos de preocupações, de qualquer valor, seja ele de ordem moral ou material, haverá uma disponibilidade que facultará o pensar, e é o próprio pensar que proporciona e sustenta a completa disponibilidade. Vale ressaltar que, para Eckhart, Deus, o Ser, é o pensar.

Evidencia-se, pois, claramente, que Deus é, em sentido próprio, um só, e que Ele é intelecto ou pensar, e que é só e simplesmente pensar, sem acréscimo de outro ser. Por isso só Deus, pelo intelecto, produz as coisas no ser, porque só nele o ser e o pensar são idênticos (1999, P 163).

Nesta completa disponibilidade, já não somos mais os mesmos que dantes. Voltamo-nos para nós mesmos, mas não numa atitude exclusivista, individualista ou algo próximo do solipsismo. Não! Interiorizamos-nos, estreitamos-nos, reduzimos-nos, portanto, ao mais simples. A redução ao mais simples deve ser entendida como um submeter-se, um subjugar-se; enfim, um abrandamento, onde aplacamos arroubos e temperamentos. “[...] *they desire neither comfort nor possessions, of the least of which they view themselves all undeserving*”¹⁰ (SHANKS, 2006, p 2). Tomaz Kempis, em seu livro III da obra “Imitação de Cristo” diz-nos: “Assim como o não cobiçar nada, exteriormente, produz paz interna, assim renunciar cada um a si mesmo, faz a união com Deus” (1931, p 177).

A disponibilidade em viver “sem por que” é um dos traços principais da mística eckhartiana, expressa pelo mestre de múltiplas maneiras. Aquele que se coloca à disposição da vida se “deixa” viver, sem estar motivado por qualquer móvel externo, nem mesmo por Deus. Amar e servir o Senhor a fim de merecer o título de servidor do Senhor é, dirá Eckhart, amar como se ama uma vaca, isto é, em vista do leite e do queijo que ela pode fornecer. Quem age assim dirige o seu querer para as vantagens que pode obter, mesmo que essas vantagens sejam de ordem espiritual. Mas esta atitude faz dele um “servo e mercenário”, pois se torna escravo de sua própria avidez. Aquele que nada procura está livre, porque desapegado (UNGER, 2001, p 132).

E neste momento é oportuna a pergunta: a que instância o “eu” foi relegado? Podemos inferir que o “eu” foi, de certo modo, expatriado, banido? Afinal o “eu” é ainda criatura, e o preceito nos fala de um esvaziamento de toda criatura. Bem, o “eu” deve, portanto, demitir-se, sair de si mesmo. Não obstante, o “eu” ainda persistirá, mas não mais na condição de um “eu” enquanto indivíduo, e sim na condição de um simples “eu”, pois que não há uma aniquilação. Há um “eu” que só se reconhece

como “eu” porque existe um “outro”. Diz-nos Hans Urs von Balthasar: “*Kein menschliches Ich kann zu sich selbst erwachen, es sei denn von einem andern Ich als Du angesprochen*”¹¹ (1976, p 260), e complementa: “*Erst das Du, die Entdeckung des Du, bringt mich selbst zum Bewusstsein meines Ich*”¹² (BALTHASAR, 1973, p 588).

“Então, convocando a multidão e juntamente com seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos 8:34). O negar-se a si mesmo fora recomendado pelo Evangelho; é o esvaziar-se de si, o reduzir-se ao mais simples, o disponibilizar-se. O versículo seguinte nos alerta em não se preocupar em salvar a própria vida – vida mundana, material, estritamente voltada para o instinto – pois isso é também se preocupar com a criatura. Essa não preocupação com o supérfluo proporciona contemplar o mundo por um novo prisma; os “problemas” assumem outro aspecto, ou até mesmo perdem o aspecto de “problemas”. “Eckhart ressalta a necessidade de existir de modo diferente, de superar o mundo em seus acontecimentos diários para voltarmos ao nosso ser originário” (STURLESE, 1993, p 26). A importância que se dá às coisas acaba por incomodar bem mais do que as coisas mesmas. Epíteto já o dissera: “O que perturba os homens não são as coisas, mas a opinião que eles têm delas” (1948, p.15). Quando enfim o mundo, as coisas, os problemas que deles acreditamos advir, perdem parcial ou total importância, estamos próximos da disponibilidade; o viver então alija seu tônus de dificuldade, o mundo em si perde seu caráter de crueldade. Na verdade, o mundo passa a ser contemplado de modo diverso. O Evangelho, através das palavras de Jesus, pode rematar nosso argumento: “Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:30).

A partir deste estágio, acreditamos já poder falar em total liberdade. É o desprendimento, então, condição de possibilidade para a ação divina na alma, não ao modo da alma, mas divinamente em Deus. A não vontade torna a alma completamente livre. A liberdade aqui é entendida como o não permitir que o mundo ou qualquer outra circunstância torne-se constrangedora; um processo de libertação que teve início com o desprendimento reduziu-se, disponibilizou-se, negou-se a si mesmo até culminar na total liberdade.

Há, inegavelmente, certa semelhança com a proposta schopenhauereana de libertação, isto é, a supressão da Vontade; Vontade que Schopenhauer identificou como essência do ser humano. A renúncia a qualquer satisfação das necessidades impostas pela Vontade, desde que livre, espontânea, já se revela como uma negação, uma aniquilação dessa Vontade. É a inteligência que se impõe. Uma inteligência que vai além de si mesma, busca a essência das coisas, não se vê como única, que não concebe oposições, que entende a dor e a alegria como realidade comum, não mais diferencia algozes e vítimas. Em suma, ela visa à equidade, ela execra o querer, ela torna-se o veículo para a libertação da individualidade, entende as dores do mundo como suas; ela rompe o véu do Maya. Aqui identificamos a compaixão – *mitleiden* - a partilha do sofrimento, o espírito liberto do princípio de individuação. O sujeito identifica-se no outro; percebe que o verdadeiro eu não reside em uma pessoa, mas no todo vivente; ele chora as dores do mundo porque as incorpora. Isto é caridade, o “*αγαπη*”, a piedade. “Toda caridade pura e sincera é piedade, e toda caridade que não é piedade é apenas amor próprio” (SCHOPENHAUER, s.d., p.499).

Mas Eckhart só reconhece uma única essência em todas as coisas.

Deus é infinito em sua simplicidade e simples em sua infinidade. Por isso está em toda parte e em toda parte todo inteiro. Em toda parte mercê de sua infinidade, mas todo inteiro em toda parte mercê de sua simplicidade. Só Deus se infunde em todas as coisas, em suas essências. Das demais coisas, porém nenhuma se infunde em outra. Deus está no mais íntimo de cada coisa, e só no mais íntimo, e somente ele é um (1999, p 160).

Em Eckhart, além do mais, como já dissemos em outra ocasião, caridade, compaixão, piedade, bem como sofrimento e alegria, são predicados à criatura. Ora, *Abgeschiedenheit* não busca a criatura, mas disponibiliza-se para o criador, para a divindade - *Gottheit*. A liberdade, na mística eckhartiana, não suprime vontades, nem mesmo o eu; há simplesmente um esvaziamento, e esse esvaziamento confere àquele que a desfruta o título de Homem Nobre – *Von edlen Menschen*.

O homem que não conquista a condição de nobre é aquele cuja alma, de algum modo se dispersa na multiplicidade, ou seja, é possuidor de caráter ífero. Aparta-se do Uno e, conseqüentemente se lança no Múltiplo. Perde, então, sua liberdade; não mais subsiste no ser. Não há nobreza porque há inquietação de caráter, e a inquietação envolve a compaixão, a piedade, a solidariedade etc.

Fica a impressão de que Eckhart não reverencia a humildade, caridade ou qualquer outra virtude. Contudo, em observando com atenção, percebemos que virtude alguma é descartada. “[...] *armed and arrayed with all the virtues they emerge victorious from every fight with vice*”¹³ (SHANKS, 2006, p 2). Mas o fato é que, para a mística eckhartiana, o importante é que não haja mediação entre a “total disponibilidade” e Deus. Se buscássemos algo que pudesse mediar tal relação, por certo como resposta teríamos o nada, se bem que o nada aqui deva ser entendido como pleno esvaziamento, e não como negação. Caridade, humildade, misericórdia seriam meios – instrumentos – que nos conduzem a Deus. Temos a mística pela mística; não há um *telos*. A mística, segundo Meister Eckhart, não permite tal mediação. A humildade seria, ainda segundo Eckhart, condição fundamental para o desprendimento. Toda e qualquer virtude força o homem a suportar sofrimentos para aproximá-lo de Deus. *Von Abgeschiedenheit*, por sua vez, trás Deus ao encontro do homem; é movimento simultâneo, do alto para baixo e de baixo para cima. As virtudes fazem com que o homem saia de si mesmo para lançar-se ao outro; a total disponibilidade mantém o homem em si mesmo para que possa receber a Deus. “Para que se perceba o lugar de Deus é necessário se abandonar os modos e atributos pessoais, ou seja, que o homem exile-se de si mesmo” (STURLESE, 1993, p 26).

O desprendimento é a via pela qual o homem supera sua condição de mortal e une-se verdadeiramente a Deus. Um superar que não se dá como se entende comumente – na fuga ou simples abandono das coisas – mas sim no aprender e no manter-se isento e soberano frente às vicissitudes da vida; é um reeducar-se, uma maneira de ver nas coisas o que há de mais profundo, pois é na profundidade, no fundo do ser, onde não existe imagem

alguma e onde todos os meios silenciam, Deus pronuncia sua palavra (CUNHA, 1997, p 32).

Mas o silenciar não deve ser encarado pura e simplesmente como uma consequência do exercício místico. Não, o silêncio é, pode-se assim dizer, a essência da experiência em si mesma. O silenciar já se revela na própria raiz etimológica: o *my*. Em Plotino pudemos perceber que o silêncio é o veículo da expressão; em Wittgenstein é o que viabiliza a experiência mística, já que tal experiência está além do domínio lógico da linguagem; em Eckhart não só é condição primeira, mas também o meio – o silenciar no profundo da alma – onde Deus dá-se a conhecer e o que faculta sua eterna criação. Daí em diante, o silêncio se impõe; torna-se praticamente uma exigência na relação proporcionada pela experiência. Vale lembrar de que o silêncio está para além de uma ausência de som ou ruído, de uma privação do falar; há quase que uma imposição ao sossego, uma taciturnidade, talvez, que se revela como o despontar da calma, como busca da serenidade, como meio que conduz à paz.

Considerações Finais

Em síntese, podemos entender que as virtudes podem nos aproximar de Deus, mas não são condições essenciais para a união com Deus. Para tal união, faz-se necessário um silenciar; silenciar este que permite a Deus nos tornar criaturas, e isso a partir de uma eterna criação no fundo de nossa própria alma. Deste modo tornamo-nos unos com Deus. “Pois o homem deve ser um em si mesmo e deve procurá-lo (isto é, o ser-um) em si e no Uno e recebê-lo no Uno, isto é: somente *contemplar* a Deus; e “regressar”, isto é: saber e conhecer *que* conhece e sabe Deus” (ECKHART, 1999, p 98). No livro de Oséias (Os: 2,14) há uma promessa do Senhor de conduzir toda alma nobre à solidão (ao silêncio), para ali falar-lhe ao coração. O homem nobre – *Von edlen Menschen* – pode então tornar-se “Um com o Uno, Um do Uno, Um no Uno, e no Uno Um para sempre” (ECKHART, 1999, p 98).

Referências

- AZEVÊDO, Edmilson Alves de. *O Místico em Wittgenstein*. (A Filosofia e os Limites da Linguagem). Artigo aguardando publicação, 28p.
- BALTHASAR, H. U. –v. *Theodramatik*.v. I. Prolegomena. Einsiedeln: 1973.
- _____. *Theodramatik*. v. II/1 Die Personen des Spiels. Der Mensch in Gott. Einsiedeln: 1976.
- BEZERRA, Séphora Maria Alves. O meio e o silêncio em MeisterEckhart. *Ágora Filosófica*. Ano 3, n. 1/2, jan/dez 2003.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Antigo e Novo Testamento*. Tradução: Euclides Martins Balancin, Samuel Martins Barbosa *et al.* São Paulo: Paulinas, 1991.
- BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. Tradução: João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- CUNHA, Cícero. O desprendimento como superação em Meister Eckhart. *Εἶδος*: Revista dos Alunos da Pós-Graduação em Filosofia da UFPB. João Pessoa: Ed Universitária, nº 1, 1997, p 27-32.
- ECKHART, Meister. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. 4. ed. Tradução: Raimundo Vier *et al.* Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Oeuvres de Maître Eckhart: Sermons – Traités*. Tradução: Paul Petit. Paris: Gallimard, 1987.
- EPICETET. *Das Hand-büchlein der Moral*. Stuttgart: Vita Nuova, 1948.
- GOTO, Tommy Akira. *O Fenômeno Religioso*. A fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.
- KEMPIS, Tomaz. *Imitação de Cristo*. 2. ed. Tradução: J. Cabral. Rio de Janeiro: Brasil Social, 1931.
- MARINHO, Maria Simone Cabral. Mística, Linguagem e Silêncio na Filosofia de Plotino. *Revista Mirabilia*. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num2/plotino.html>> Acesso em: 19/05/2006.
- PIAZZA, Valdomiro. *Introdução à Fenomenologia Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução: M.F. Sá Correia. Porto: Rés, sd.
- SCHUBACK, Maria Sá Cavalcante. *O Começo de Deus*. A filosofia do devir no pensamento tardio de F. W. J. Schelling. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SHANKS, Stephen R. *Meister Eckhart Tractates: signs of the true ground*. Disponível em: <http://E:\Meister Eckhart's Tractates.htm>
Acesso em: 30/05/2006.

STURLESE, Loris. *Mysticism and Theology in Meister Eckhart's Theory of the Image*. *Eckhart's Review*. n. 2. Oxford: Eckhart Society, 1993.

UNGER, Nancy Mangabeira. *Da foz à nascente: o recado do rio*. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VELASCO, Juan Martín (org.). *La Experiencia Mística: Estudio Interdisciplinar*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

¹ *Optamos pelo termo "gnose" tendo em vista o fato de Eckhart não se propor a escrever uma teoria do conhecimento. O termo epistemologia, por sua vez, nos parece mais ligado às ciências. O termo "gnose", portanto, deve ser entendido como uma forma de descrição não científica, que pode levar ao conhecimento de como se daria a experiência mística, mas não a descrição da experiência mesma.*

² *Entendemos ser melhor manter no corpo do trabalho as citações nas línguas pesquisadas e as respectivas traduções livres em notas de rodapé.*

³ *Henry Bérghson nos ensinou a ver nos místicos exemplares eminentes de "saúde intelectual solidamente assentada", de "firmeza unida à elasticidade", de "discernimento profético do possível e do impossível", de um "espírito de sensibilidade" que supera as complicações de um "sentido comum superior".*

⁴ *Via viril e ensolarada em face da via sombria da mística, a gnose não é outra coisa senão a tensão constante na produção que se volta para o conhecimento.*

⁵ *Quando um silêncio profundo envolvia todas as coisas e a noite mediava o seu rápido percurso,...*

⁶ *Alma aqui deve ser entendida como o suposto sujeito das operações espirituais, das quais temos conhecimento.*

⁷ *Em Eckhart, o termo "ser" possui uma conotação criatural e o ser de deus é um "intellectus" que conhece o criado. O ser não é Deus, mas sua criação.*

⁸ *As pessoas rudes devem crer, as pessoas esclarecidas devem saber. Na via gnóstica praticada por Eckhart, o conhecimento divino resulta de uma operação constituída de consciência e de vigília.*

⁹ *Eles esvaziam-se de si mesmos, sem permitirem a si mesmos livre acesso às coisas.*

¹⁰ *Eles desejam nenhum conforto ou posse, eles veem a si mesmos como o menor de todos os servos.*

¹¹ *Nenhum eu humano pode despertar-se a si mesmo, a não ser quando interpelado por outro eu como tu.*

¹² *Somente o tu, o descobrimento do tu, leva-me à consciência mesma do eu.*

¹³ *Armado e arranjado com todas as virtudes ele emerge vitorioso da eterna luta contra o vício.*